

ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008

ORIGINAL E TRADUÇÃO: RELAÇÃO HIERÁRQUICA INSTITUCIONALIZADA?

Rosa Maria OLHER¹

RESUMO: Com base nas perspectivas teóricas de Michel Foucault (2000) sobre relações de poder e construção da verdade, e de Jacques Derrida (2002) sobre tradução e desconstrução, pretendo pesquisar e discutir o pressuposto de que existe uma hierarquia institucionalizada, que coloca em primeira instância as obras literárias ditas ‘originais’, sobretudo no contexto acadêmico. Partindo da hipótese de que a tradução representa a (sobre)vida do texto e da obra literária e que ela é, por consequência, parte constitutiva do leitor, proponho discutir e problematizar questões como: relação texto ‘original’ - texto traduzido; noções de literatura e de cânone literário; representações e/ou constituições dos sujeitos na tríade autor-tradutor-leitor. Além do aprofundamento teórico necessário para a discussão em questão, a análise será feita com base nos seguintes dados: currículos, ementas e programas de disciplinas que envolvam o ensino de literaturas estrangeiras em alguns cursos de licenciatura/bacharelado em letras e estudos literários e, entrevistas e questionários destinados a professores das respectivas disciplinas.

ABSTRACT: This paper aims at researching the assumption that there is an institutionalized hierarchy between ‘original’ and translation in literary works, especially within academic context. Starting from the point that translation represents the (over)life or the survival of literary works and that, consequently, it also constitutes the reader as a subject, I propose to study questions related to: ‘original’ and translation, literature and literary canon and the triad author-translator-reader’s representations. Besides enhancing the necessary theoretical background for further discussion, the analysis will be carried out by collecting data such as: language arts and literature course curricula and programs of foreign literature disciplines, followed by interviews with their respective professors.

1. ORIGINAL E TRADUÇÃO

Assim como a história das grandes obras de arte tomam como base suas fontes ou sua descendência a partir das fontes, da mesma forma a literatura ou a sobrevida das obras literárias estão estritamente ligadas às suas traduções. Esta relação, de certa forma íntima entre texto original e texto traduzido, pode ser chamada, segundo Walter Benjamin (2001), de uma ‘relação de vida’, ou seja, a tradução como um estágio de continuação da vida da obra.

Benjamin (*ibidem*) reflete sobre as transformações sofridas pelas línguas ao longo dos séculos e, por consequência, a dificuldade em se atribuir uma autêntica relação entre original e tradução, visto que admitir tal autenticidade seria “negar um dos processos históricos mais poderosos e produtivos” (p. 197) - o da transformação ou constante mudança das coisas e, obviamente, das línguas. Da mesma forma, diz Benjamin, é preciso refletir sobre a possibilidade de se preservarem teorias de tradução que venham legitimar o processo constante de transformação das línguas.

¹ Professora de língua inglesa do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e doutoranda em Teoria, Prática e Ensino da Tradução do programa de Linguística Aplicada do IEL/UNICAMP, orientada pela professora Maria José Rodrigues F. Coracini.

Ao discutir a relação ou afinidade entre as línguas, Benjamin questiona a incompletude das mesmas, ou seja, o fato de que o modo de designar um objeto ou um designado seja sempre diferente de uma língua para outra, levando, assim, as línguas a se reconciliarem e se complementarem umas às outras através da tradução. Porque as línguas se aparentam entre si quanto ao que querem dizer, diferenciando-se *a priori* na forma.

Dentro dessa perspectiva, ao mesmo tempo em que a tradução pode levar a certa plenitude das línguas ou à chamada ‘língua pura’ idealizada por Benjamin (2001, p. 201), ela traz consigo a evolução do texto original, mesmo levando-se em conta que a relação do conteúdo com a forma seja diferente dentro de uma mesma língua ou entre uma língua e outra, pois, se “no original elas formam certa unidade como a casca e o fruto, na tradução a língua recobre seu conteúdo em amplas pregas, como um manto real”, formando assim uma língua maior do que ela própria e, de certo modo, inadequada ao seu conteúdo, pela sua grandiosidade e seu efeito de estranhamento, um eco da língua estrangeira ou do texto original, na língua ou texto traduzido.

Para Benjamin, a relação entre a tradução e o original é como a fugaz relação do ponto de encontro da tangente com a circunferência, ou seja, é através do breve contato estabelecido entre tradução e original que a primeira recria a própria língua por meio do elemento estrangeiro. Portanto, é a traduzibilidade, o modo de dizer encoberto no texto original que determina essa correspondência entre forma e conteúdo, entre o original e o traduzido. Segundo o filósofo, o tradutor deve se isentar da criação do sentido, já presente no original, e re-criar a criação, resgatando assim, em sua própria língua, a ‘língua pura’, cativa na obra original, tarefa esta difícil que não é jamais alcançada plenamente pelo tradutor, devido à sua essencialidade.

Na conclusão do seu livro *L'Épreuve de l'étranger*, Antoine Berman (1992) trata dessa relação de maneira bastante clara e menos idealizada, ao afirmar que a tradução está longe de ser uma mera derivação do original, texto supostamente absoluto, pois qualquer original constitui-se numa fábrica de traduções, caracterizado por ele como altamente traduzível ou necessariamente traduzível, para que alcance a plenitude como obra literária. Para Berman, a relação que liga a tradução ao original é *unique*, nenhuma outra relação de um texto com outro, de uma língua com outra ou de uma cultura com outra se compara à relação do original com a tradução.

Assim, o papel da tradução literária não é o de mera transmissão, mas sim, um papel constitutivo de toda literatura, filosofia ou ciências humanas em geral.

A seguir, introduzo algumas questões sobre tradução e sua importância no contexto literário, segundo as reflexões de tradutores e de filósofos pós-modernos.

1.1. Sobre tradução

Dentro dessa perspectiva, no contexto acadêmico ao qual me refiro nesta pesquisa, ou seja, no contexto do ensino de literaturas estrangeiras, há que se refletir sobre a hierarquia do texto original sobre o texto traduzido, já que a tradução representa, de maneira geral, a forma mais comum de leitura de um texto literário estrangeiro do que o dito ‘original’, pois muitos são os alunos de graduação que optam pela leitura do texto traduzido ao invés do original (Wielewicksi, 2002). Este fato, porém, nos remete, uma vez mais, à metáfora do manto de Benjamin, que considera a tradução como um

movimento de desdobramento, de enriquecimento e crescimento da língua e do texto traduzido, ao contrário do que pressupõe a hierarquia tradicional original e tradução.

A leitura de uma tradução é uma operação original para o leitor, não porque ela esteja apenas relacionada a um texto estrangeiro, mas por constituir um tipo especial de escritura e, por sua vez, uma forma original de leitura, talvez não pelo desconhecimento da língua, mas, por questões culturais que subjazem ao ato de ler.

Um exemplo mais recente de reflexão sobre a relação ‘original’ e ‘tradução’ encontra-se no prefácio de uma obra de Shakespeare, traduzida do inglês para o português por Millôr Fernandes (1998, p. 7). Com seu estilo descontraído e humorístico, Millôr diz o seguinte: “As traduções, quase sem exceção (e não falo só do Brasil) têm tanto a ver com o original quanto uma filha tem a ver com o pai ou um filho a ver com a mãe. Lembrem, no todo, de onde saíram, mas, pra começo de conversa, adquirem como um outro sexo”.

A tradução, explica Millôr, é uma das mais difíceis empreitadas intelectuais. Mais difícil do que “criar originais, embora, claro, não tão importantes” (*ibidem*).

Nestas citações sobre tradução, Millôr também põe em cheque suas próprias traduções de 20 anos atrás, dizendo que não assinaria ‘hoje’ nenhuma delas. Contudo, isso não significa que suas traduções possam vir a comprometê-lo de alguma maneira; pelo contrário, ele explica que seus conceitos ou sua filosofia sobre tradução é que mudaram com a experiência cultural e profissional adquirida no decorrer dos anos. Sobre a relação original e tradução ele diz o seguinte: “Não se pode traduzir sem ter o mais absoluto respeito pelo original e, paradoxalmente, sem o atrevimento ocasional de desrespeitar a *letra* do original exatamente para lhe captar melhor o espírito” (Millôr, 1998, p. 6, 7). E um pouco mais adiante, ele completa: “Não se pode traduzir sem ser escritor, com estilo próprio, originalidade sua, senso profissional. Não se pode traduzir sem dignidade”.

Na verdade, as reflexões desse tradutor contemporâneo nos mostram que o tradutor, a citar Millôr, esse homem atual, babélico e pós-queda pode ter esperança de, se não um retorno às origens, como postula Benjamin, pelo menos um re-conhecimento das coisas, do movimento e da mudança das línguas e do papel de trans-positor, transformador e re-formador que o tradutor ocupa e representa.

Derrida (tradução de Ottoni, 2005, p.183-184) em ‘Fidelidade a Mais de Um’, reconhecendo a importância e o papel que o tradutor e a tradução ocupam no contexto atual, fala da necessidade de se construir uma “política de tradução” que não seja apenas uma política institucionalizada, ou seja, “deixada somente à iniciativa (se necessária) dos Estados ou dos mercados, menos ainda dos poderes teológico-políticos que podem, aqui ou lá, dominá-los, identificar-se com eles ou se deixar determinar por eles” Diferentemente, o tradutor deve pensar numa política organizada e sustentada de forma voluntária, audaciosa e crescente, pois “pode acontecer que um texto tenha mais oportunidade de ser mais bem-lido numa certa tradução que na língua original”. A exemplo desta citação, podemos lembrar aqui as obras do próprio Derrida, que são freqüentemente muito mais ‘bem’ lidas em suas respectivas traduções do francês para o inglês, para o espanhol, para o português, para o alemão, etc.

No subitem que segue passo a discorrer sobre uma questão bastante polêmica - “o que é literatura”, segundo a visão crítica de teóricos como Eagleton, Derrida, Barthes,

dentre outros, na tentativa de discutir e problematizar essa relação entre literatura e tradução.

1.2. Sobre literatura

Críticos como Terry Eagleton (2001), Jacques Derrida (1989/1992) e Roland Barthes (1982), embora com perspectivas bem diferenciadas, discutem o aspecto político imprescindível e inerente à literatura, ou melhor, a literatura tida como convenção ou instituição.

Percebe-se por meio de suas reflexões e discussão sobre “O que é literatura” que o que torna uma obra ‘literária’ é o leitor que é, por sua vez, ideologicamente formado, construído ou inventado de acordo com seu contexto situacional. A obra se torna uma instituição ao formar seus próprios leitores, atribuindo a eles uma competência que não possuíam anteriormente. Isso pode ocorrer por diversas vias, a citar: identificação - autor-estilo-leitor; universidade- seminários, simpósios, currículo, cursos, etc. viabilizando assim sua iterabilidade, ou seja, sua capacidade de duplicação ou de repetição, por meio de diferentes leituras, traduções e re-escrituras. Ao mesmo tempo que a literatura compartilha de certo poder, ela também o excede e o questiona, ficcionalizando tal poder.

Ainda com relação à invenção ou construção do leitor, concordo com Derrida quando ele postula que não existe um receptor ou leitor pré-estabelecido como se quer crer, mas sim que o que existe dentro da obra e o que a ela diz respeito são fatores importantes para ‘produzir’ o leitor. Este leitor é formado, instruído, construído e até manipulado pela obra. O leitor é inventado pela obra literária e, por conseqüência, a obra passa a ser então uma instituição, formando assim seus próprios leitores, dando-lhes competência e ‘performance’.

Roland Barthes (1982) ao falar de literatura e de autoria, diferencia sentido de significação e diz que literatura é um processo de produção de sentidos, ou seja, de significação (sentidos em movimento). Como sentido ele entende o conteúdo de um sistema de significante ou significado e, como significação um processo sistemático que une sentido e forma, significante a significado. Embora a perspectiva de Barthes esteja ainda ligada à visão saussuriana de linguagem (linguagem como um sistema limitado, constituído por significante e significado), suas reflexões são muito atuais quando tratam da discussão de sentido e de literatura. Ele entende que o sentido de um texto ou de uma obra não se faz por si só. Segundo Barthes, o autor apenas presume sentidos ou formas que vão sendo preenchidas ao longo do tempo pelos leitores que se deparam com a obra. Barthes comenta que “se as palavras tivessem somente um sentido, o do dicionário, se uma segunda língua não viesse perturbar e liberar as ‘certezas da linguagem’, não haveria literatura” (Barthes, 1982, p. 214). Portanto, a literatura representa uma significação em movimento ou aquilo que se diz dela e isso obviamente inclui o texto literário que, apesar de funcionar como um significante através do tempo, significando ‘nada’ por se tratar de algo evanescente ou vazio, seu ‘ser’ está na significação e não em seus supostos significados (*ibidem*, p.70).

Dentro desta mesma linha de pensamento, Hirsh (1967, citado por Eagleton, 2001, p. 92) também diferencia significação de sentido, dizendo que o sentido emana do autor

enquanto que as significações são atribuídas pelo leitor e variam ao longo da história. Para Hirsch uma obra literária pode significar diferentes coisas para diferentes pessoas.

Eagleton (2001, p. 98) cita Gadamer (em *Verdade e Método*) para defender que significados vão sendo extraídos de acordo com o contexto histórico pelo qual uma obra passa, significados estes que podem nunca terem sido imaginados pelo autor ou pelo próprio público contemporâneo dele. Portanto, a obra literária nada mais é do que um “diálogo com sua própria história” (Eagleton, 2001, p. 98). Não há literatura sem leitor.

Toda esta discussão nos remete ao papel que a tradução tem como “sobrevida da obra literária”, pois as grandes obras, como sabemos, se perpetuam através de suas traduções, ou sejam, sua sobrevivência e iterabilidade se garante por meio da tradução que contribui para esse diálogo da obra com sua história.

Da mesma forma que a língua representa um campo de forças sociais, que nos modela, a obra literária também é regida por certas forças, a exemplo do próprio meio acadêmico. O professor, representante da instituição acadêmica, ao selecionar os textos ou obras literárias que fazem parte de um programa, acaba por excluir certas leituras e permitir outras. Na tentativa de legitimar leituras pré-estabelecidas, ele limita a competência do aluno/leitor de ‘interpretar’ o texto. O significado fixo, bem como a suposta intenção do autor são formas de fixar a obra literária e contribuir para sua canonização. Assim, é a ‘instituição literária’ que determina os limites e a aceitação dessas leituras, a citar a crítica literária por um lado e a tradução, por outro.

Para concluir, concordo com Derrida ao entender que a literatura, como instituição que é, com sua dita singularidade ou literariedade, depende da contra-assinatura do leitor. Um texto pede para ser lido ou traduzido para sua própria sobrevivência, correndo o risco de ser, paradoxalmente, ‘respeitado’ e ‘traído’ segundo os conceitos de singularidade ou essencialidade, pois o essencial não está dentro do texto, mas sim fora dele.

2. HIPÓTESE E OBJETIVOS

Com base nas perspectivas teóricas de Michel Foucault (2000) - relações de poder e construção da verdade, e de Jacques Derrida (2002) - tradução e desconstrução, pretendo pesquisar e discutir o pressuposto de que existe uma hierarquia institucionalizada que coloca em primeira instância as obras literárias ditas ‘originais’, sobretudo no contexto acadêmico. Partindo da hipótese de que a tradução representa a (sobre)vida do texto e da obra literária e que ela é, por consequência, parte constitutiva do sujeito-leitor, proponho discutir e problematizar as seguintes questões:

1. Os conceitos de originalidade e autoria relacionados à tradução;
2. O status do cânone literário, bem como a construção das ‘noções’ de literatura e/ou texto literário e de tradução nos cursos de Letras e Estudos Literários;
3. As representações do leitor sobre a tradução e o tradutor (professores de Literaturas Estrangeiras);
4. As posições do sujeito, frente ao lugar institucional que o professor ocupa.

3. METODOLOGIA

A pesquisa será baseada num estudo discursivo, desconstrutivista a ser desenvolvido da seguinte forma:

Aspectos Teóricos:

- Estudo e aprofundamento de pressupostos teóricos com base nas noções de relação de poder e construção da verdade de Michel Foucault e nas noções de desconstrução e de tradução de Jacques Derrida.

Aspectos Empíricos:

- Coleta de alguns currículos de cursos de Letras e/ou Estudos Literários e de mentas e programas de disciplinas de Literaturas Estrangeiras..
- Análise preliminar com o objetivo de observar a representação e circulação da tradução nesse contexto acadêmico.
- Questionário e/ou entrevista direcionados a professores dos programas das respectivas disciplinas, com foco nas noções de tradução, literatura, cânone literário relacionadas à suas práticas pedagógicas.
- Análise e discussão dos dados obtidos de acordo com os pressupostos teóricos expostos na revisão de literatura (Análise do Discurso e Desconstrução, segundo Foucault e Derrida).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARTHES, Roland (1982). *Crítica e Verdade*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva.
- BENJAMIN, Walter (2001). "A Tarefa Renúncia do Tradutor", in: *Clássicos da Teoria da Tradução*. Trad. de Susana K. Lages. Florianópolis: UFSC, pp. 188-215.
- BERMAN, Antoine (1992). *The Experience of the Foreign*. Albany – U.S.A: State University of New York.
- BLANCHOT, Maurice (1997). *A Parte do Fogo*. Trad. de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco.
- DERRIDA, Jacques (2002). *Torres de Babel*. Trad. De Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG.
- _____. (1988). *The Ear of the Other*. Edit. By Christie McDonald. USA: Nebraska University.
- _____. (2001). *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica.
- EAGLETON, Terry (2001). "O que é Literatura", in: *Teoria da Literatura – Uma Introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, pp. 1 – 22.
- FERNANDES, Millôr (1998). *A Megera Domada de William Shakespeare: tradução*. Porto Alegre: L&PM.
- FOUCAULT, Michel (2002). *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense.
- _____. (2000). *Microfísica do Poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- OTTONI, Paulo (2005). "Fidelidade a Mais de Um – Merecer Herdar Onde a Genealogia Falta de Jacques Derrida", in: *Tradução Manifesta double bind & acontecimento*. Campinas: UNICAMP, pp. 167-198.
- WIELEWICKI, V.H.G. (2002). *Literatura e Sala de Aula: Síncopes e Contratempos*. Tese de doutorado inédita. São Paulo: USP, FFLCH.